



Re-Construto de Juventude e Escolarização nas Políticas Educacionais Brasileiras: Reflexões

Marcelo Máximo Purificação¹

Resumo: Este ensaio emerge de parte das leituras e discussões realizadas na disciplina “Temas Contemporâneos em Educação”, desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em nível doutoramento, da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Integra dialogicamente dois importantes conceitos - juventude e escolarização -, vistos a partir de aspectos sociais, culturais e políticos do contexto brasileiro.

Palavras-chave: Juventude; Escolarização; Políticas Educacionais; Cultura.

Re-Construction of Youth and Schooling in Brazilian Educational Policies: Reflections

Abstract: This essay in emergency education developed in the subject “Contemporary Issues in Postgraduate Education in the Postgraduate Program in Education in Brazil – ULBRA. It dialogically integrates two important concepts - youth and schooling - seen from the social, cultural and political aspects of the Brazilian context.

Keywords: Youth; schooling; Educational Policies; Culture.

Introdução

A contemporaneidade tem nos levado a refletir sobre reconstrução de vários conceitos. Um deles é o de juventude que segundo Dayrell; Carrano (2014, p. 111) é “ao mesmo tempo, uma

¹ Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra (UC); Doutor em Ensino (UNIVATES); Doutor em Ciências da Religião (PUC-Goiás); Doutorando em Educação (ULBRA). Professor Titular na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior – FIMES/UNIFIMES. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ ciclo da vida”. (p. 111). Portanto, um conceito atravessado de forma diferenciada ao longo da história, e talvez, por isso, seja reconstruído sob diferentes óticas, modos, combinações e marcadores sociais e culturais, dos quais destacamos: identidade, regionalidade, classe social, gênero, raça e etc. Marcada entre a faixa etária dos 15 aos 29 anos, a juventude, conforme o IBGE, é um contingente importante, significativo, com expressiva representatividade populacional. Isso implica presença e participação também de forma expressiva, em questões sociais, culturais, educacionais e econômicas, cernes de discussões das políticas públicas no Brasil. Nessa linha de pensamento, Dayrell; Carrano (2014) consideram que a categoria juventude é parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social”. (p.111).

Objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, o termo “juventude” comporta discussões que perpassam pelos marcadores da pobreza, violência, in/exclusão social, mercado de trabalho, escolarização, etc., e pelo silenciamento de marcadores identitários como: gênero, religiosidade, classe social e raça/ cor. Por isso, é importante discutir os processos de escolarização. Através do acesso à escola e do desenvolvimento do educando, podemos reduzir estigmas sociais, começando pela valorização da escola de educação básica pública, que, por ser pública, enfrenta discriminação e descrédito, por parte de uma parcela da sociedade. Assim como, primar pela valorização do jovem egresso da escola pública, que muitas vezes é visto como despreparado.

Na busca de ampliar discussões em torno da garantia de direitos, de políticas públicas que atendam à sociedade brasileira e sua pluralidade e de uma educação que caminhe pelo viés da equidade, é que proponho discutir na pesquisa de doutoramento junto ULBRA sobre as ‘Identidade juvenis umbandistas’ no intuito de verificar se há marcadores e identificações dessas identidades no contexto escolar, no currículo e nos portes legais que regem a educação no Brasil. Como professor da rede pública há 28 anos, percebo, nas políticas educacionais vigentes, um movimento de invisibilidade das diferenças e de determinados grupos classificados socialmente como minorias. Por isso, a temática ‘juventudes’ me é tão cara, pois adquire significados distintos de acordo com as questões que as cercam – como a exemplo da religião e da cultura.

Segundo Camacho (2004), a inserção dos jovens no mundo da cultura é um exemplo claro dessa invisibilidade dos jovens na vida escolar. A prova disso está na música, as marcas corporais,

as linguagens, as vestimentas e as tecnologias que fazem parte do mundo dos jovens são constantemente evitadas pela escola, na tentativa de mantê-los fora de seus limites e controles.

No entanto, apesar dos avanços sociais ocorridos no Brasil na última década, ainda vemos uma realidade em que as políticas públicas ainda não conseguiram superar as persistentes desigualdades sociais que afetam diretamente a vida das pessoas. Faz parte desse jovem que chega ao ensino médio a cada ano ou semestre, trazendo em si os conflitos e contradições de uma estrutura social de exclusão que interfere em suas trajetórias escolares e impõe novos desafios à escola. Nesse sentido, se queremos contribuir para a formação humana dos jovens que frequentam o ensino médio, devemos levar em conta a realidade em que se insere esse grupo. Como já repetimos, uma das formas é tentar conhecer a quota dos jovens que frequentam as nossas escolas, procurando dados específicos que possam alargar o nosso conhecimento e compreensão da realidade. É através desta compreensão que poderemos reorientar as nossas imagens, as nossas visões e as nossas formas de abordagem aos jovens com quem convivemos. Daí a importância de conhecer algumas dimensões que consideramos fundamentais para a condição da juventude no Brasil, esperando que sirvam como possíveis chaves de análise para aprofundar a compreensão da juventude (DAYRELL; CARRANO, 2014).

O mundo da cultura surge como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais em que os jovens procuram definir uma identidade juvenil. Nessas práticas, criam novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade para além da lógica estrita do mercado, assumindo protagonismo em suas mídias. Isso acaba ajudando-os a construir certos pontos de vista sobre si mesmos e o mundo que os cerca, o que significa que, no contexto da diversidade existente, a condição dos jovens é vivenciada por meio de uma mediação simbólica expressa nas mais diversas manifestações culturais. (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Os grupos culturais são relevantes no contexto das culturas juvenis, sendo a forma preferida de inserção dos jovens na esfera pública. Pesquisas indicam que a adesão a um dos estilos existentes no meio popular desempenha um papel importante na vida dos jovens. A adesão a grupos de estilo permite práticas, relações e símbolos que constituem seus espaços de expansão de circuitos e redes de trocas. (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Sposito (2006, p.100) afirma que as experiências grupais lúdicas e não institucionalizadas expressam um “desejo de ser” muito mais do que uma lógica escolar orientada para um fim imediato. Assim, é possível compreender que compartilhar experiências coletivas permite aos jovens expressarem seus anseios e expectativas, bem como reconhecer as aspirações e expectativas coletivas como necessidades individuais.

Considerações Finais

Conclui-se que os estudos com jovens se multiplicaram. O campo dos estudos da juventude tem se consolidado tanto na abordagem das variáveis clássicas da sociologia, como classe, raça e sexo, quanto no aprofundamento de temas que evidenciam dimensões mais subjetivas da juventude, como suas formas de socialidade. Na educação, os jovens são quase sempre reduzidos à condição de alunos, deixando de fora outras dimensões importantes que envolvem os processos de formação.

Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A invisibilidade da juventude na vida escolar. Perspectiva**. Florianópolis, v. 22, n. 2, p.325-343, jul./ dez., 2004.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Elo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p.101-133.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude: crise, identidade e escola**. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 96 -104.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. *Re-Construto de Juventude e Escolarização nas Políticas Educacionais Brasileiras: Reflexões*. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2022, vol.16, n.59, p. 133-136, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/11/2021;

Aceito 08/01/2022;

Publicado em: 28/02/2022.